

O NOVO IMPERIALISMO

THE NEW IMPERIALISM

Gláucia Maria Ribeiro de Souza 1

Em seu livro *O Novo Imperialismo*, tradução brasileira de 2004, Harvey faz uma importante análise no capítulo três e quatro sobre a opressão via capital e a acumulação de capital via espoliação.

No terceiro capítulo – opressão via capital –, Harvey inicia sua análise dizendo que, “a formação do Estado em associação com o surgimento da constitucionalidade burguesa têm sido por conseguintes características cruciais da longa geografia histórica do capitalismo” (HARVEY, 2004, p. 79).

O Estado assume papel fundamental “na dinâmica do capitalismo global”, no que concerne aos embates circunscritos no âmbito da “hegemonia do colonialismo, e da política imperial” (HARVEY, 2004, p. 81). Para Harvey, há uma competição pelo espaço, o que é em si uma forma de competição monopolista. As causas dessa competição circunscrevem-se no fato de que a “localização espacial confere uma certa vantagem monopolista” (HARVEY, 2004, p. 84).

Um ponto crucial levantado pelo autor, é o de que “o produto final da competição é o monopólio, e quanto mais intensa a competição tanto mais rápido o sistema converge para esses estados” (HARVEY, 2004, p. 84). Dado a importância do controle da localização estratégica e de recursos essenciais, “o poder monopolista é potente o bastante para inibir o dinamismo da geografia do capitalismo introduzindo fortes tendências de inércia e estagnação geográficas” (HARVEY, 2004, p. 84-85).

Entretanto, esses dinamismos espaciais são combatidos pelos poderes monopolistas no espaço, daí a insurgência de práticas imperialistas. Sobre a lógica territorial do poder, o autor analisa que, a regionalidade se consolida a “partir dos processos moleculares de acumulação do capital que ocorrem no tempo e no espaço” (HARVEY, 2004, p. 91).

Harvey, levanta a questão dos capitais excedentes gerados de economias regionais, quando não encontram emprego lucrativo em nenhuma parte do Estado. Esse é um ponto axial do problema, que leva a “pressões em favor de práticas imperialistas” (HARVEY, 2004, p. 92). Esses problemas de sobreacumulação em um dado território podem ser temporariamente resolvidos por “transações de mercado e crédito”, principalmente, em negociações cujos territórios possuem desenvolvimento geográfico desigual, e que, portanto, os “excedentes disponíveis num território têm a contrapartida de uma carência de oferta em outro” (HARVEY, 2004, p. 100).

A partir da problemática da sobreacumulação, tendo em vista que a sobreacumulação nos “circuitos secundário e terciário” do capital geram crises mais atenuantes, o autor coloca em pauta o retorno do Estado enquanto, de suma importância, uma vez que, o “Estado constitui a entidade política, o corpo político, mais capaz de orquestrar arranjos institucionais e manipular as forças moleculares de acumulação do capital” (HARVEY, 2004, P. 111), preservando os interesses dos imperialistas.

Portanto, o autor conclui o capítulo considerando que o sistema capitalista sobrevive, tanto das “ordenações espaço temporais que absorvem os excedentes de capital”, quanto pela “desvalorização e destruição administradas como, remédios para o descontrole fiscal dos países que contraem empréstimos”. (HARVEY, 2004, p. 113).

No 4º capítulo, sobre a acumulação via espoliação, o autor analisa a questão do subconsumo e a sobreacumulação, ao qual Harvey demonstra que, no processo de exploração da força de trabalho, os baixos salários auferidos por estes resulta no subconsumo, dado à falta de recursos para gastarem com o que produzem; e os capitalistas segundo ele, dado à falta de mercado consumidor são obrigados à reinvestir seu capital ao invés de consumir. Sendo, portanto, essas questões, o aspecto central do imperialismo na teoria de Rosa Luxemburgo.

Por outro lado, Harvey mostra em seu livro, ao analisar à teoria da sobreacumulação, que esta por sua vez, possui como problema central à “falta de oportunidades de investimentos lucrativos”. Ressalta-se que, “o capitalismo requer algo fora de si mesmo para acumular”.

Segundo o autor, as características da “acumulação primitiva de Marx, encontram-se presentes na geografia histórica do capitalismo até os dias de hoje” (HARVEY, 2004, p. 121). Portanto, um ponto chave da problemática da sobreacumulação, são as soluções via acumulação por espoliação, que consiste na liberação de ativos e força de trabalho baratos, ao qual o capital sobreacumulado apropria-se deles, dando lhes vazão no “circuito de circulação do capital pelo capital sobreacumulado” (p. 124).

Harvey, levanta ainda a problemática da privatização, que no processo neoliberal, assume

centralidade na privatização e liberação do mercado. Analisa-se as lutas emergidas no combate à acumulação por espoliação, o autor ressalta que, “a acumulação primitiva que abre caminho à reprodução expandida é bem diferente da acumulação por espoliação, que faz ruir e destrói um caminho já aberto” (HARVEY, 2004, p. 135).

Na luta contra o capital, nos movimentos antiglobalização e antiimperialista “o foco são as relações de classe e as lutas de classes no campo da acumulação do capital, entendida como reprodução expandida” (HARVEY, 2004, p. 139). Neste ponto o autor utiliza as explicações de Rosa Luxemburgo para afirmar que, constatada a relação dialética entre reprodução expandida e acumulação por espoliação, deve-se considerar que as lutas no plano da reprodução expandida devem ser analisadas à partir de uma relação dialética “com os combates à acumulação por espoliação, foco primordial dos movimentos sociais que se abrigam no âmbito dos movimentos antiglobalização” (HARVEY, 2004, p. 144).

Logo, o autor afirma que a “acumulação por espoliação é a contradição primária” que deve ser enfrentada. Harvey, ressalta que, é necessário considerar os ganhos ainda que limitados de lutas como a reforma agrária; e que um papel fundamental dos movimentos sociais é “cultivar assiduamente a conectividade entre lutas no interesse da reprodução expandida e contra a acumulação por espoliação” (HARVEY, 2004, p. 146).

O FMI e a OMC, são instituições centrais, no processo de abertura de novos mercados ao acúmulo de capital via espoliação por todo o mundo por meio das pressões exercidas pelo poder hegemônico.

Harvey conclui que, a política intelectual do neoliberalismo e da privatização, vincula-se com o processo de desvalorização de ativos pelo mundo em resposta ao problema da sobreacumulação.

Esta prática imperialista contemporânea segundo o autor, retroalimenta o processo de acumulação, e, portanto, não há que se falar em “Novo Imperialismo”, para ele as práticas são as mesmas, destarte, em um “lugar e tempo diferentes”.

Considerações Finais

A obra de David Harvey, *O Novo Imperialismo*, e em especial os capítulos três e quatro aqui analisados, apresentam-se de suma importância ao processo de compreensão da atual conjuntura socioeconômica e política em que se conforma o processo de produção e reprodução social do capital e seus rebatimentos na política social brasileira contemporânea.

Referências

HARVEY, David, *O Novo Imperialismo*. Tradução: Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. 1ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

Recebido em 21 de setembro de 2019.

Aceito em 20 de janeiro de 2020.